

JOGO PESADO

VICENTE NUNES
DA EQUIPE DO CORREIO

O anúncio da candidatura do presidente Lula à reeleição, ontem, deu início a uma movimentação no tabuleiro da economia. As peças são comandadas pelo presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, e pelo ministro da Fazenda, Guido Mantega, cujas posições distintas lançam incertezas sobre quem dará as cartas nas questões econômicas em um eventual segundo mandato.

É sabido que ambos procuraram sedimentar uma boa convivência, mas sem esconder suas diferenças. A grande pergunta que os agentes econômicos começam a fazer é se haverá espaço para os dois em caso de reeleição. Quando foi escolhido para suceder Antonio Palocci na Fazenda, Mantega foi visto como um ministro-tampão por parcela importante do Produto Interno Bruto (PIB). Seu passado de divergências explícitas com o presidente do BC, obrigou Lula a abrir um canal direto com Meirelles, a fim de evitar especulações que pudessem minar seu maior trunfo para se manter por mais quatro anos no Palácio do Planalto: os bons fundamentos da economia.

Com a campanha de Lula na rua, Meirelles e Mantega começam a fazer suas apostas. Quem acompanha o dia-a-dia do BC já identificou os movimentos do presidente da instituição, para manter intactas as atuais diretrizes econômicas.

Nas últimas duas semanas, Meirelles adotou um discurso enfático de defesa da bombardeada política monetária. Em depoimentos na Câmara e no Senado e na cerimônia de posse de Paulo Vieira da Cunha como diretor de Assuntos Internacionais do BC, ele repetiu, como um mantra, os ganhos da atual política econômica: desemprego em queda, aumento da renda dos trabalhadores, consumo maior das famílias, investimentos produtivos em alta, balança comercial recorde, inflação convergindo para as metas e crescimento com redução das desigualdades sociais.

Aventuras

O tom de Meirelles em defesa das conquistas da estabilidade engrossou depois que o presidente do PT, Ricardo Berzoini, apresentou a prévia do que defenderá o partido em um segundo mandato. Apoiado por Marco Aurélio Garcia, encarregado de preparar o programa de governo, Berzoini deixou claro que, se depender do PT, o projeto de independência do Banco Central será enterrado.

Ainda que não tenha depositado suas fichas nesse projeto, Meirelles quer a garantia de que a autonomia concedida por Lula até agora ao BC será mantida. "O país vive momento histórico. As expectativas de inflação estão ancoradas nas metas definidas pelo governo. Isso torna a economia mais

previsível e a política monetária, mais eficiente", tem dito o presidente do BC para afastar aventuras econômicas.

Observadores atentos acreditam que Meirelles está sinalizando que sua permanência depende da continuidade da política econômica. O presidente do BC aceitaria ter Mantega como colega de governo, desde que se mantenha o desenho atual de funções: o BC cuida da política monetária, e a Fazenda, da fiscal. "É natural que a Fazenda demonstre seu desejo de queda dos juros e que o BC torça por um ajuste fiscal mais forte para tornar mais fácil o manejo da política monetária. Mas não vejo espaço para uma subordinação do BC à Fazenda, principalmente com Mantega no comando do ministério. Nesse cenário, vejo Meirelles fora", afirma um dos assessores mais próximos de Lula.

Pragmatismo

No Palácio, mesmo com os ventos da campanha à reeleição estimulando discursos mais populistas, são poucos os que acreditam na possibilidade de Lula flertar com medidas heterodoxas. "Lula só faria mudanças se estivesse mal nas pesquisas, o que não é o caso", acrescenta um influente ministro.

Para ele, com a maior parte do eleitorado disposta a dar mais quatro anos a Lula, não há porque mexer no que está dando certo. "O presidente é um homem de bom senso, pragmático, consciente da sua força eleitoral. É difícil imaginá-lo se rendendo a propostas ideológicas. Creio que o próprio Mantega, que foi contra a política que está em vigor, se convenceu de que o governo está no caminho certo. Se mantém as convicções do passado intocadas, é

obediente a Lula e é isso o que importa", destaca o ministro. No caso de reeleição, o presidente quer evitar turbulências. Ele sabe que não contará com uma economia internacional promissora. Além disso, a Justiça estará julgando os envolvidos com o mensalão, e a folga para ajuste fiscal será mínima, devido aos gastos extras contraídos este ano.

"Nesse contexto, é difícil acreditar que Lula se arriscará a implodir a blindagem que construiu em torno da economia", ressalta graduado funcionário do Ministério da Fazenda. Lula também está consciente que, para Meirelles, ficar no BC não é questão de vida ou morte. Se sair ao completar quatro anos, Meirelles terá sido o mais longo presidente dos últimos 15 anos, e poderá alardear o fato de, pela primeira vez na história, a política monetária estar dando certo.

INDEFINIÇÕES NA GANGORRA

Para se manter no comando do BC, desde o início do governo Lula, Meirelles teve que abrir mão de suas ambições políticas. Em 2002, ele foi eleito deputado federal pelo PSDB de Goiás, mas renunciou ao mandato para assumir o BC. No ano passado, abriu mão de se candidatar ao governo goiano.

Meirelles não contava com a saída de Palocci, da Fazenda. Para que ele continuasse no BC, Lula teve que abrir um canal direto no Palácio do Planalto e alçá-lo à condição de fiador da política econômica. Os investidores absorveram a nomeação de Mantega para a Fazenda e apostaram na continuidade de um BC autônomo.

Mantega não esconde as divergências com Meirelles. Mas ressalta que Fazenda e BC trabalham juntos e que os almoços semanais entre as duas equipes foram retomados. Confiante no espaço que conquistou, é de Mantega a parte econômica do discurso que Lula fez ontem no lançamento da candidatura à reeleição. Um sinal de força, deixa transparecer o ministro. No entanto, para não atrapalhar o sonhado segundo governo, Lula terá que definir claramente para onde vai pender a gangorra da economia. (VN)



Arte:Kacio

Até o final do ano, Meirelles será o mais longo presidente do BC dos últimos

15
ANOS